

CONVERSATIONS WITH THE EARTH



Saindo de Casa

Uma aldeia nos Himalaias enfrenta o acerto de contas espiritual da mudança climática.

Nada corta mais o coração que a decisão de abandonar o lar de seus ancestrais. Enquanto uma geleira dos Himalaias derrete acima deles, os agricultores e pastores pragmáticos Zanskari decidiram abandonar sua aldeia milenar, localizada ao lado de um riacho em seca. Na falta de uma redução drástica das emissões de gases de efeito estufa, sua decisão profetiza o destino de milhões de pessoas que dependem da água que vem das montanhas altas de todas regiões do mundo, do Paquistão à Califórnia. Para essas populações, os moradores da aldeia oferecem uma lição importante: reconhecer a sua vulnerabilidade, agir com decisão, manter consigo os espíritos do local antigo, reconstruir alegremente com renúncia de hábitos antigos (e com casas com energia solar passiva) – e, sobretudo, responsabilizar-se sobre os impactos do seu modo de vida, antes que causem mais danos.



Fotografia: Nicolas Villume
Legendas: Jonathan Mingle
2009 - www.conversationearth.org

Elevando-se acima do Vale Zanskar, os picos dos Altos Himalaias captam a porção norte das nuvens de monção subcontinentais, recebendo neve que reabastece as geleiras e grandes extensões de neve. Durante a primavera e o verão, esses recursos congelados desagüam pelo vale abaixo, irrigando os campos das comunidades de agricultura de subsistência como os Kumik, que têm uma população de 200 habitantes. Durante o último século, a temperatura média na região noroeste dos Himalaias cresceu duas vezes acima do aumento global. E nas décadas recentes, esse superaquecimento causou a redução das geleiras, quedas de neve irregulares, mais precipitação em forma de chuva e degelo adiantado na primavera. Em Kumik, o riacho local frequentemente seca antes do final do verão, um momento crítico para a colheita. “Sem água não há vida”, diz Tsering Motup, um professor em Kumik.



Montanhas Zanskar, Índia



Ishay Paldan / Kumik, Zanskar, Índia



Kumik, Zanskar, Índia

A busca de água faz parte da rotina diária fundamental numa aldeia Zanskari. Familiares de todas as idades, homens e mulheres, ajudam a buscar água durante o ano todo e a regar os campos no verão. Por séculos, o povo de Kumik (os “Kumikpas”) criaram instituições informais para administrar e distribuir a água de uma maneira justa por toda a

aldeia. Cada família tem sua época de irrigar certos campos. As regras tradicionais não estão escritas, mas a cooperação é bem coreografada: tudo mundo sabe qual é sua hora e sua parcela.



Stenzin Namgyal, Kumik, Zanskar, Índia



A família de Tsewang Rigzin, Kumik, Zanskar, Índia

Embora os homens sejam os líderes formais nas aldeias e nas famílias, as mulheres Zanskari têm voz ativa em todas as decisões de Kumik, e dirigem a estrutura central da sociedade Zanskari – o lar. Agora, enquanto mais homens procuram empregos fora da aldeia, especialmente no governo, exército ou no turismo, as mulheres estão tendo um papel cada vez maior na economia da aldeia. Por fazerem e dirigirem uma grande parte

do trabalho diário de Kumik – cozinham, tiram leite das vacas, cuidam dos rebanhos e das hortas, regam os campos, coletam lenha, buscam água – as mulheres são as primeiras a sentir as pressões diretas da redução das neves. Carregando suas enxadas e pás, tentam sem sucesso conseguir a mesma quantidade de sustento, o mesmo alimento para os animais e comida para as pessoas, com cada vez menos água.



A esposa de Phuntsog Stobdan, Kumik, Zanskar, Índia

Enfrentando as pressões da seca, os Kumikpas discutiram com intensidade se deveriam deslocar a aldeia inteira para um outro lugar. O diretor da escola primária da aldeia, Phuntsog Stobdan, comentou que muitos dos jovens da aldeia estavam entusiasmados com a ideia de estar mais perto da estrada principal, e do desenvolvimento moderno na cidade principal do vale. Mas outros habitantes não querem se deslocar. “Os idosos consideram Kumik a aldeia perfeita”, afirma Tsewang Rigzin, um funcionário agrícola de Kumik, “porque é perto das montanhas, tem pasto para os animais e muita lenha.” Mas no final, a comunidade chegou a uma conclusão definitiva: eles iam começar nas planícies abaixo, próximas do Rio Zanskar.

Kumik tem um espírito empreendedor no qual se pode contar. Há vinte anos atrás, o pedreiro Stenzin Namgyal equipou sua casa com um sistema especial de janelas e alvenaria para capturar a energia solar e aquecer as salas. Agora ele pretende melhorar esse sistema quando construir sua casa em Kumik Yogma (Kumik Baixa). Alguns vizinhos falam em construir um lhakhang, ou templo, na nova aldeia, e talvez até um centro comunitário com energia solar. “Com um desenho sistemático”, diz o funcionário agrícola Tsewang Rigzin, “o novo Kumik pode servir como modelo para essa região.” O governo doou a terra, mas não está oferecendo mais nenhuma ajuda. “Se alguém quer construir uma sala solar, mas não tem dinheiro suficiente”, diz um dos vizinhos de Stenzin, “ele pode pedir dinheiro emprestado aos amigos ou parentes. Ajudaremos uns aos outros.”



Avó de Tsewang Rigzin, Kumik, Zanskar, Índia



Kumik Baixo, Zanskar, Índia

A aridez do seu novo território serve para salientar os desafios que a próxima geração dos Kumikpas está enfrentando. O planalto aparentemente sem vida de Kumik Baixo (Kumik Yogma) irá exigir muita água, insumos de matéria orgânica e cuidados cautelosos para render cevada, trigo saraceno e legumes. As funções e significados complexos desenvolvidos nas casas e campos da antiga aldeia no decorrer de mais de um milênio teriam que ser recriados ou reinventados em apenas uma década. Quando suas casas na

Kumik Yogma estiverem prontas, esses jovens Kumikpas estarão mais próximos da economia de mercado que está explodindo na cidade principal de Padum. E o que acontecerá com aqueles parceiros e protetores espirituais, os lha? “Vamos fazer muitas preces pedindo aos lha tornarem a vida feliz lá embaixo”, disse o ancião da aldeia, Ishay Paldan. “Vamos levar o lha conosco.”



Kumik, Zanskar, Índia

Durante os próximos anos, os residentes de Kumik abandonarão os campos férteis e bem cuidados dos socacos seculares pela incerteza de algumas centenas de hectares num planalto rochoso. Cada família irá construir uma nova casa e cultivar campos virgens em Kumik Baixo, próximo ao Rio Zanskar. Apesar de ser também alimentado pelas geleiras em diminuição, o Zanskar forneceria água com mais consistência e por mais tempo que o atual córrego de Kumik. Porém, ninguém sabe se as tradições antigas de compartilhar água da aldeia sobreviverão nas mãos das novas gerações. Eles só sabem que um canal construído pela comunidade levará o rio até o que agora é um espaço aberto e empoeirado – e que eles devem deixar para atrás uma aldeia “feliz e verde” diz Tsering Motup. “Sinto a mesma tristeza que sente uma jovem que casa com uma outra família e tem que deixar sua casa.”

Muitos da aldeia acreditam que eles mesmos provocaram a seca. Acreditam que os lha, os espíritos locais, estão tristes que alguns Kumikpas estão rezando menos e focando mais nas coisas materiais, especialmente após a recente chegada das estradas e turistas de verão. Um santuário num bosque de salgueiros acima da aldeia comemora a fundação da comunidade, quando os espíritos do vale foram conectados em um relacionamento recíproco com os habitantes humanos. Os atos de respeito do povo para com a terra renovam o antigo pacto com os lha, que responderiam abençoando os esforços da aldeia com prosperidade, fertilidade, neve abundante e sol forte para derreter-lá. “Os lha estão punindo as pessoas por seu mau comportamento” afirma o professor Tsering Motup. “É por isso que a neve e a água não vêm.”